

cultura.sc.gov.br

# Sobre Arte e Literatura



Fundação  
Catarinense  
de cultura

GOVERNO DO  
SANTA  
CATARINA



**Governo do Estado de Santa Catarina**  
**Fundação Catarinense de Cultura (FCC)**  
**Diretoria de Arte e Cultura**  
**Gerência de Linguagens Artísticas**  
**Oficinas de Arte**

**Prof. Jayro Schmidt**

**FIGURA, AJUDANTE, NOME SECRETO E SÓSIA**

Florianópolis, Março de 2021

Em pinturas, antes da fotografia de rostos, o olhar que fixa o espectador suscita indagações em quem o vê. O ver que vai além do olhar, que não se fixa – o ver com o pensar a imagem ou figura de linguagem.



Mona Lisa, detalhe, Leonardo

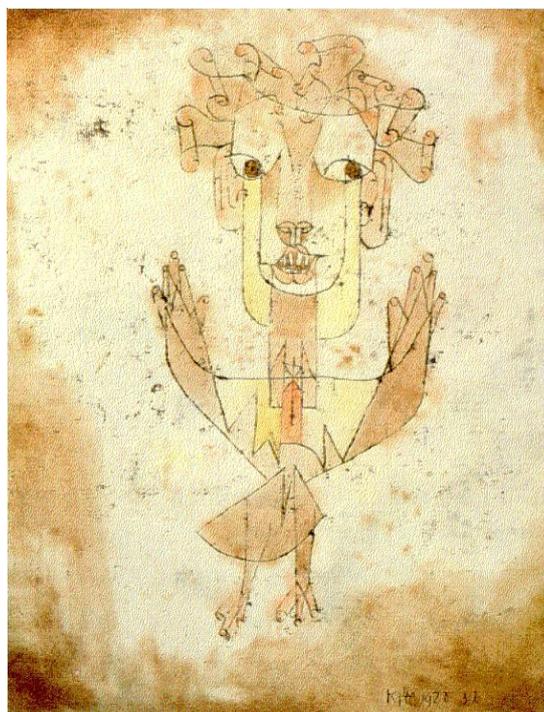
Não que tenha encerrado as discussões dos teólogos cristãos, Orígenes foi original na linguagem ao ter afirmado que não é o corpo que vai ressuscitar, e sim sua *figura*, o que por outro lado foi chamado de *corpo glorioso*. Orígenes também pensou na *apocatástase*, a redenção de todos.

A imagem não tem substância, somente a sua representação, ou seja, sua figura.

No ensaio que Walter Benjamin escreveu sobre Kafka, ele assinala o *ajudante* em sua ficção que se confunde com a parábola do ponto de vista da profanação. Benjamin chama os ajudantes de *crepusculares*, seres intermediários e complementares, portanto figuras imaginárias como o anjo da história que ele teve a percepção na pintura de Paul Klee, “Angelus Novus”.

A história sempre foi representada com uma ave, que para o nosso tempo Hegel sugeriu o abutre.

O anjo da história de Benjamin percebido na pintura de Klee, uma figura simbólica, está de costas para o futuro e paira sobre um abismo que acumula ruínas sobre ruínas. O anjo gostaria de ficar ali com as asas estendidas, mas uma tempestade o faz se mover, se voltar para o futuro.



Angelus Novus, detalhe, Klee



No saboroso ensaio “Os ajudantes” em *Profanações*, Giorgio Agamben remonta a Benjamin quando chamou os ajudantes de *crepusculares*, figuras intermediárias entre o celeste e o terreno. A certa altura do ensaio Agamben afirma que “as crianças são incompletas”, por isso acompanhadas e protegidas por ajudantes pequenos e grandes, de várias *espécies*, portanto seres *especiais*.

O *golem* estaria entre estes seres especiais moldado de barro, mas além de protetor da casa pode destruí-la com seus habitantes.

A ideia de incompletude da criança é relativa ao adulto, suponho, que necessariamente não é completo, pelo menos do ponto de vista psíquico tantas vezes fixado no infantil – porque pensa que a criança é plena, completa, imune às vicissitudes.

As percepções da criança, que em sua formação confunde representar com jogar, são completas porque não há a interferência da razão.

Assim que Alice encontrou Humpty Dumpty, ele perguntou sua idade, “sete anos e meio”, ao que retrucou que era tarde demais, que deveria ter parado nos sete anos.



Pintura de Vigée- Lebrun

À medida que a criança cresce a identidade se apresenta como formação da consciência de si em relação aos demais – de onde provem a insatisfação que pode ser abreviada desde que encontre seu *nome secreto*. Somente tal nome poderá revelar quem é a pessoa, seus desígnios.

Desde a juventude Nietzsche pensou sobre “o deves, não deves”, o que em breve culminou no “Torna-te aquele que és”, lema da dissertação sobre Diógenes adaptado de Píndaro: “Torna-te como aprendes a ser”.

Aos vinte anos Nietzsche escreveu que se conhecia perfeitamente e desejava somente encontrar seu *doppelgänger*: o sócia, o duplo.